



CICLO DE SEMINÁRIOS

TESOUROS EM PERGAMINHO

A coleção de manuscritos iluminados ocidentais
de Calouste Sarkis Gulbenkian*

JAN 2018 – ABR 2019

.....
Horas de Holford (inv. LA211)

17 MAI / QUI / 17:00

SALA DO SETOR EDUCATIVO – COLEÇÃO DO FUNDADOR


COM **DELMIRA ESPADA**

As Horas de Holford e a iluminura flamenga da primeira metade do século XVI

As Horas de Holford, iluminadas na primeira metade do século XVI (1526), são fruto de uma parceria entre artistas de igual mérito, provenientes das duas mais importantes famílias de iluminadores flamengos: Gerard Horenbout e Simão Bening. Profusamente iluminadas, incluem dois invulgares retratos do doador; um calendário, precedido pelas tábuas astronómicas, que ecoa ainda alguma influência das Riquíssimas Horas do Duque de Berry; onze outras iluminuras de página plena com cercaduras ornadas ou historiadas bastante desenvolvidas, que se repetem no fólio afrontado, como é característico das obras flamengas; e trinta e duas iluminuras de menor dimensão, inseridas na coluna de texto e acompanhadas por tarja ornada.

O aspeto mais marcante do seu programa iconográfico, que na generalidade segue a tradição pictórica deste período, é a inclusão dos dois retratos do doador, seguramente tirados pelo natural. O primeiro, na abertura do livro, no qual o doador é representado a par das suas armas, impressiona pela naturalidade e expressividade com que é retratado e pelo facto de surgir, como já foi referido por diversos autores, desvinculado de qualquer devoção religiosa. Surge como uma afirmação pessoal, uma imagem que declaradamente quis memorar. No segundo, de expressão mais intimista, o doador é apresentado em capela privada, ajoelhado sob a represen- ➔





← tação da Santíssima Trindade, numa iluminura de página plena que antecede a oração dedicada a São Vicente Ferrer, provavelmente o seu santo homónimo de devoção pessoal.

Nas tábuas astronómicas, destaca-se a indicação precisa da data de conclusão do livro, um aspeto muito particular, raras vezes usado nos códices deste período, que parece recuperar uma tradição inaugurada por Jan van Eyck nos retratos que realizou nas décadas de trinta e quarenta do século anterior e que voltamos a encontrar nos retratos pintados por Hans Holbein e por Lucas Horenbout.

O estudo que dedicámos às Horas de Holford permitiu vincular a origem do seu doador ao território peninsular da Coroa de Aragão, mais especificamente às cidades de Saragoça, Barcelona e Valência. Pelas devoções pessoais, reforçámos a sua origem hispânica e aventámos a possibilidade de o santo padroeiro – São Vicente Ferrer – ser, como era frequente na época, também seu homónimo. A análise da rubrica introdutória da oração, atribuindo a sua autoria a Santo Edmundo, bispo de Cantuária, e a sua reprodução na obra de Martin Chemnitz, colocaram o Reino Unido na rota do nosso códice. Foi, porém, o olhar mais demorado sobre a história do retrato enquanto género pictórico autónomo que nos conduziu, primeiramente, a Jan van Eyck, a quem se atribui a primazia dos primeiros retratos como forma de memorar o indivíduo e seus antepassados e, posteriormente, a Hans Holbein, contemporâneo do manuscrito em análise. O confronto da obra deste pintor com o iluminador responsável pelos retratos – Gerard Horenbout –, bem como a análise das suas biografias, posicionaram estes dois artistas ao serviço da corte de Henrique VIII.

A ida de Catarina de Aragão, filha mais nova dos Reis Católicos, Fernando e Isabel, para o Reino Unido, em 1501, ano em que casou primeiramente com Artur Tudor, príncipe de Gales, poderá justificar a presença de uma comunidade hispânica no círculo próximo da corte inglesa e oferece um arco cronológico suficientemente amplo para que aqueles já se encontrassem naturalmente integrados na aristocracia londrina e em condições de poderem patrocinar uma obra desta envergadura.

Assim, parece-nos defensável que esta figura masculina, suficientemente rica para se mandar retratar por um reconhecido iluminador flamengo ao serviço de Henrique VIII, fizesse parte do séquito de Catarina de Aragão aquando da sua mudança para o Reino Unido, onde posteriormente se terá estabelecido. A idade avançada que o cabelo grisalho e os olhos cavados parecem testemunhar e a ausência de referências a Ordens Militares de Cavalaria colocam-no, com maior probabilidade, no círculo próximo de Fernando de Aragão, pai de Catarina. A inclusão do emblema borgonhês de Carlos V, precisamente nas margens da Adoração dos Magos, parece encontrar melhor justificação, segundo cremos, num gesto de lealdade e vassalagem àquele imperador, que só em 1516 viria a assumir o destino do país de onde é originário e ao qual parece continuar a jurar fidelidade.

* Coordenação: LUÍS CORREIA DE SOUSA, MARIA ADELAIDE MIRANDA

Este projeto resulta de uma colaboração entre o Museu Calouste Gulbenkian e o Instituto de Estudos Medievais, unidade de investigação da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa.

.....
PRÓXIMA SESSÃO: **Livro de Horas de Isabel da Bretanha** · 21 JUN / QUI / 17:00

